

Presidente pede conselho aos amigos

Brasília — Arnildo Schulz

■ Feijoada serviu para debater atual imagem do governo

FRANCISCO MARQUES

BRASÍLIA — O presidente Fernando Henrique Cardoso está preocupado com a queda na popularidade do governo e já pediu aos amigos intelectuais algumas sugestões para melhorar a imagem de sua administração. O debate foi durante uma feijoada oferecida sábado, no Palácio da Alvorada.

O presidente transformou o almoço em um desabafo, e queixou-se da “incompreensão” da mídia. Além disso, fez um apelo para que os intelectuais ajudem a influenciar a opinião pública a favor do governo.

Fernando Henrique lamentou a “insistência” da imprensa em classificar o governo de omissivo na adoção de uma política social eficiente e colocou-se “entre a cruz e a espada” no que chama de “inevitável inclusão do Brasil na globalização da economia”, a fim de tornar o país viável e mais competitivo. “Não há política sádica por parte do governo, de assistir impassível às conseqüências negativas da globalização,” afirmou.

Convidados — Os intelectuais convidados para o almoço foram José Arthur Gianotti, Afonso Romano de S'Antanna, Leôncio Martins Rodrigues, Maria Hermínia de Almeida, Rubens César, Arnildo Jabor, Mário Machado, Werneck Viana e Celina Amaral Peixoto. Do governo, estiveram presentes o ministro da Cultura, Francisco Wefort, o secretário de Assuntos Estratégicos, Ronaldo Sardemberg, e o chefe de gabinete do Ministério da Justiça, José Gregori.

O presidente argumentou que a globalização exige um preço muito alto e disse que estão sendo estudadas compensações imediatas para os setores mais prejudicados, como o de autopeças de São Paulo, que, para acompanhar o novo ritmo econômico, precisou enxugar o quadro de funcionários. Fernando Henrique enfatizou que, se há desemprego por um lado, por outro existe o retorno dos demitidos para o interior do país e o reaproveitamento de muitos deles no mercado de trabalho.

Além disso, segundo ele, os setores que se adaptaram rapidamente



Depois de ouvir elogios e críticas ao governo, o presidente despediu-se dos amigos dos tempos de academia



Arquivo

José Arthur Gianotti disse que o fisiologismo é 'alimentado'

à economia global, como a indústria têxtil, nunca exportaram tanto, batendo recordes de venda. “Esses reflexos ninguém divulga”, reclamou. O ministro da Educação, Paulo Renato, completou o discurso do presidente com a exposição de alguns avanços do governo na área social. E apresentou números

que mostram um aumento de até 8% nos investimentos em educação no ano passado, em relação a 94.

O escritor e presidente da Biblioteca Nacional, Afonso Romano, assumiu imediatamente a defesa de Fernando Henrique. “Nunca houve um governo tão bem aparelhado para conduzir o país, formado por

um grupo de professores que conseguiu um diagnóstico da realidade brasileira, sob o ponto de vista acadêmico e mais sofisticado,” elogiou. “O difícil é compatibilizar este conhecimento com a prática política, num cenário composto por corporativistas, esquerda radical e deputados que barganham por interesses próprios.” Romano acha que falta um sistema de divulgação mais eficiente das ações desenvolvidas no Palácio do Planalto, que gente do próprio governo desconhece.

Fisiologismo — Já o professor de Filosofia José Arthur Gianotti disse a Fernando Henrique que uma das dificuldades do governo é o fisiologismo de alguns parlamentares. Ele acusou o governo de alimentar este fisiologismo “em pequenas doses” para aprovar as reformas políticas.

Para Gianotti, “cabe aos intelectuais pensarem nos problemas e aos movimentos sociais, pressionar”. Ele diz que “é preciso voltar as atenções para a classe média, que apesar dos ganhos com o Plano Real, se sente perdida com o aumento dos preços de serviços e por não contar com a ilusão monetária, que antes garantia bons rendimentos.”